

POR GIOVANNA KUNZ

Uma casa não precisa parecer nova para ser bonita. Nesta edição da CasaCor Brasília, é justamente o que carrega marcas do tempo que ajuda a construir os ambientes mais interessantes. Em meio a projetos sofisticados, o feito à mão, a madeira, os tons terrosos, a palha, o macramê, as esculturas de barro e os objetos que atravessam gerações ganham espaço. Mais do que tendências decorativas, são elementos que ajudam a contar histórias.

Sob o tema *Mente e coração*, a mostra ocupa a Casa do Candango, na 603 Sul, até 12 de outubro. São 40 ambientes assinados por 52 profissionais, que exploram diferentes maneiras de transformar a casa em refúgio, espaço de convivência e lugar de pertencimento. A memória afetiva aparece como um dos pontos de encontro entre projetos tão diferentes.

A sensação é de que a decoração contemporânea, depois de anos flertando com o minimalismo e com espaços cuidadosamente planejados para parecerem impecáveis, agora quer mostrar que existe alguém vivendo ali. Fotografias, louças de família, peças artesanais, obras de arte e objetos trazidos de viagens deixam de ser meros complementos e passam a participar da arquitetura.

Na Casa Deca, assinada por Júlia Zardo e George Zardo, essa ideia aparece na construção de uma casa que parece ter sido formada aos poucos. Tons terrosos, verde, pedra e madeira aproximam o ambiente da natureza, enquanto uma coleção de obras de arte dá personalidade aos espaços.

A arte, ali, não funciona apenas como decoração. É parte da história imaginada para os moradores. "A gente fez uma curadoria de vários artistas. Como se fosse a coleção de alguém que morasse aqui e que tivesse essa memória", conta George. A escolha de materiais também segue essa busca por uma atmosfera mais natural. "Nós usamos materiais com texturas, com cores. Muito próximas da natureza", afirma o arquiteto.

A madeira aparece em diferentes projetos como um dos principais elementos para trazer calor aos ambientes. Ao lado dela, pedras naturais, fibras e tecidos ajudam a criar uma decoração menos rígida e mais tátil. O objetivo parece ser fazer com que os espaços sejam percebidos não apenas pelos olhos, mas também pela sensação que provocam.

Na Casa Deca, essa relação é levada também para a cozinha, que ganha protagonismo. "O maior espaço aqui é a cozinha, que a gente entende ser o lugar que você consegue mais agregar as pessoas. Criar memórias em volta de todo mundo que cozinha. E todo mundo que come aquilo que as pessoas cozinham", explica Júlia.

A ideia de que a casa deve parecer habitada também surge na maneira como as peças são dispostas.

# O LAR QUE CONTA HISTÓRIAS



Fotos: Edgard Cesar/Divulgação

O feito à mão, a madeira, o barro, a palha e os objetos afetivos aparecem entre as escolhas que aproximam os ambientes da CasaCor de uma casa vívida

Em vez de ambientes que parecem cenários intocáveis, os projetos apostam em objetos que sugerem histórias anteriores e novas lembranças a serem criadas. "Cada parede que tenha quadros e arte transmite e provoca alguma emoção nas pessoas. É aquela casa que você quer ficar, que você sabe que tem personalidade, que alguém mora ali. E cada cantinho conta uma história. A gente quis resgatar isso", resume Júlia.

## O valor inestimável

Se há um elemento que atravessa os ambientes, é a valorização do trabalho manual. Cestarias, palha, barro, macramês e peças artesanais aparecem como contraponto à tecnologia e às soluções produzidas em escala. A imperfeição deixa de ser um defeito e passa a ser justamente aquilo que confere identidade.

No Lar das Três Marias, da ON Arquitetura, a manualidade está diretamente relacionada à história das mulheres. O projeto de Luciana Canalli parte de três luminárias criadas em homenagem à mãe, à avó e à bisavó e amplia essa celebração para outras mulheres. "Eu quis fazer uma homenagem às mulheres da minha família, e estender isso de maneira geral. Isso refletiu na curadoria. Todo o mobiliário, as obras de arte e as peças artesanais e adornos são 100% feitos por mulheres", conta Luciana.